
Rasto atrás: nas trilhas da memória

Por Priscila Gontijo¹

Jorge Andrade (Barretos SP 1922 - São Paulo SP 1984) é um dos mais expressivos dramaturgos paulistas e brasileiros e esteve presente em duas encenações deste 33^o Festivale. A primeira delas, *A receita*, com direção de Roberval Roberto, foi apresentada no dia 6 de setembro, no teatro do SESI, pelo Núcleo de Artes Cênicas de São José dos Campos. *Rasto atrás*, no dia 07 de setembro, no Teatro Municipal, com direção de Dagoberto Feliz e o grupo Os Geraldos, de Campinas (SP).

Antunes Filho, responsável por duas montagens da peça *Vereda da salvação* (em 1964 e 1993), destaca no prefácio da publicação de *Marta, a Árvore e o Relógio* – ciclo de dez peças em que o autor repassa a história do homem brasileiro ao longo dos séculos: desde o ciclo do ouro até a modernização das cidades – o poder de composição de personagens de Andrade.

Dentro do ciclo, *Rasto atrás* (1966) consiste num dos textos de maior complexidade temática e formal. Temática porque, por meio deste grande drama épico, o dramaturgo refaz o percurso de sua história – de menino que cresceu numa pequena cidade rural do interior a escritor, cuja vocação contraria os planos de seu pai – colocando em cena uma amplitude temporal que chega a 40 anos. E formal, porque as suas escolhas para conseguir explorar a trajetória desse menino até a maturidade foge completamente à ordem cronológica, colocando no palco anacronicamente, e por vezes simultaneamente, o protagonista em quatro fases de sua vida (com 5, 15 e 13 anos, na lembrança de Vicente aos 43 anos).

Rasto atrás retrata, assim, um ajuste de contas com o passado do autor e seus irreconciliáveis conflitos com o pai. O texto conta a história da família de Vicente,

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestrandista em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

dramaturgo famoso, que volta à sua cidade e a seu núcleo familiar em busca de um novo sentido para sua existência e do reencontro com suas raízes. Decide, então, partir rasto atrás (artimanha em que a caça confunde o caçador) e retornar à sua terra natal, no interior do estado. Nessa viagem, mergulha nas intrincadas trilhas da memória, revisitando o seu passado e o de sua família.

O espetáculo comemora os 10 anos de aniversário do grupo Os Geraldos. Ainda do lado de fora do teatro, os atores, com máscara branca e vestidos de palhaços, interagem com o público da fila. Essa aproximação vai dar o tom de todo o primeiro ato. A intervenção cênica, além de aproximar artistas da cena e plateia, auxilia a quebrar a solenidade inicial, tão característica do drama tradicional. Outra ruptura se revela no figurino com todos os atores e atrizes vestidos de saias. A economia do cenário, composto por cadeiras, uma cama, o acordeão pousado no centro da cena sob foco de luz, um violão no canto direito do palco e livros no canto esquerdo, apresenta uma encenação onde a multiplicidade de linguagens integrará a dinâmica teatral. Pendurado no centro do palco uma inscrição da gênese da família de Vicente. O palhaço-narrador apresenta cada uma das personagens que surgem da plateia, convocando-os: “Venha, população!”

Em jogo metalinguístico – que evidencia explicitamente os procedimentos da ficção dramática – faz uma brincadeira com os nomes do encenador Dagoberto Feliz e do autor, Jorge Andrade, em uma espécie de gênese teatral, disposta pelo narrador deste prólogo: “Primeiro havia o Caos, depois o Verbo e em seguida, o Teatro, Shakespeare, Jorge Andrade, Dagoberto Feliz”.

O recurso metalinguístico já está presente na escrita do texto de Andrade, mas ao ressaltar o procedimento do autor, a encenação dialoga diretamente com a atualidade. Pontuada por inserções musicais, a narrativa soma diferentes linguagens

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

como a da palhaçaria, do musical, do melodrama e do circo-teatro e cria um espetáculo híbrido.

Logo no início do primeiro ato, na segunda cena, ambientada em uma sala de cinema, vemos o conflito iniciar-se nessas palavras de Vicente: “Eu preciso encontrar meu pai. Ele está perdido há 20 anos no Mato Grosso.” Os conflitos familiares, que evidenciam as dificuldades em equilibrar a vocação artística com as exigências diárias de marido e pai, também aparecem nas palavras da esposa de Vicente, que sentencia: “Você nos abraça, mas não nos vê.”

A encenação de Dagoberto Feliz retrata aspectos épicos como deslocamentos de tempo e espaço, presentes no texto, que na época de Andrade, eram poucos comuns na construção dramaturgica. Ao longo da narrativa, percebemos as contradições entre um mundo arcaico e moderno, rural e urbano, patriarcal e matriarcal.

Ao jogar com elementos da memória, a encenação torna-se um campo análogo ao da estrutura da própria dramaturgia de Jorge Andrade: um fluxo não linear e associativo, com imagens que se desvanecem e se confundem. Os 12 atores, que permanecem em cena o tempo todo, revezam-se entre os personagens, jogando com a dramaturgia de forma cômica até que as tensões entre passado e presente, pai e filho, ficção e realidade exigem um enfrentamento.

Para atingir esse novo sentido para a sua existência e conseguir criar, o dramaturgo precisa enfrentar uma sociedade cujos valores, por vezes, querem minar sua expressão. Esse enfrentamento se adensa no segundo ato – quando do reencontro de Vicente com o pai – e se realiza esteticamente com a retirada da “máscara” de todas as personagens. A cena de transição de um ato à outro potencializa poeticamente o rito de passagem do protagonista. O tônus da interpretação muda radicalmente do grotesco para o sóbrio. O mergulho em novo registro nos vincula a um outro tempo.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

A mudança de tom do primeiro para o segundo ato é um dos grandes achados da direção assinada por Dagoberto Feliz, ator e diretor do Grupo Folias, que soma 95 espetáculos no currículo como ator e diretor. Um dos pontos altos da encenação são os números musicais que pontuam a narrativa. Dagoberto Feliz compõe e trabalha com a música do ator. Na encenação, a música promove o distanciamento do drama que se abre e se epiciza. Merece destaque também o cenário de telas, que conforme a cena avança, vai se fechando e aprisionando as personagens que ali transitam.

Nesse jogo de tempos que se entrecruzam, as lembranças do passado surgem para assombrar o protagonista, que em sua busca pela aceitação do pai, descobre o não-lugar do artista numa sociedade que prioriza os ditames do mercado.

Rasto atrás reflete sobre censura, família, conservadorismo, vocação e mudança, mas também nos convoca a repensar o presente através das trilhas da memória de um passado recente.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO



¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.